

tica di questi anni. Anche in questo caso il lavoro si propone come punto di riferimento importante ed estremamente opportuno oggi. A margine di questo convinto entusiasmo per l'iniziativa e la realizzazione di questi volumi personalmente avrei evitato la traduzione di tutti i titoli che a volte non è stata realizzata da chi conosceva l'opera così da far diventare il *Balão* settecentesco un semplice *Pallone*. Un autore assente è Manuel Alegre, nonostante abbia seguito con la sua opera tutto il travaglio portoghese degli ultimi sessant'anni. Assente anche una piccola biografia degli studiosi che hanno collaborato nella costruzione di questi testi. Importante elemento anche didattico la completa bibliografia allegata ai vari saggi. MARIA LUISA CUSATI

***Con gran mare e fortuna. Circulação de mercadorias, pessoas e ideias entre Portugal e Itália na Época Moderna***, pref. Marco Spallanzani, org. Nunziata Alessandrini, Susana Bastos Mateus, Mariagrazia Russo, Gaetano Sabatini, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas, Série Monográfica Alberto Benveniste, n.º 7, , 2015, 245 pp.

A edição deste utilíssimo volume, que reúne treze comunicações

apresentadas entre Fevereiro de 2013 e Janeiro de 2014 no âmbito do 3.º Ciclo de Conferências sobre as *Relações Luso-Italianas na Época Medieval e Moderna: Circulação de Mercadorias, Pessoas e Ideias (séculos XV-XVIII)*, vem aprofundar os nossos conhecimentos em torno de uma matéria ainda insuficientemente estudada: os contactos entre Itália e Portugal no limiar da Modernidade. O resultado é muito positivo, com resultados que, sendo inevitavelmente parcelares, sistematizam dados históricos, revelam aspectos menos conhecidos e sedimentam novas perspectivas de abordagem. Bastava esta constatação para se dever destacar a importância da publicação, assente nos bons resultados das prospecções de fundos de arquivo, levadas a cabo nos dois países de forma finalmente sistematizada, e na revisão atenta e concatenada das fontes disponíveis, contribuindo assim para o reforço de uma tradição historiográfica que é ainda recente, já que, como assinala Marco Spallanzani no prefácio, remonta aos anos sessenta do século passado e precisa de ser amplamente desenvolvida. Nesse sentido, o esforço dos organizadores é assinalável, ao enfatizar como campo operativo de abordagem a mobilidade de bens, pessoas e ideias entre Itália e Portugal, tendo convidado um aper-

tado conjunto de investigadores a reflectir sectorialmente sobre assuntos como sejam a transacção de mercadorias entre Pisa e Lisboa no século XV, os sistemas financeiro e comercial envolvidos nessa circulação, o papel de figuras como o mercador pisano Michele da Colle, estante em Lisboa no tempo de D. Afonso V, as relações diplomáticas e políticas emergentes, a novidade das obras de arte importadas de Roma ou Florença para o mercado português, o intercâmbio artístico e os fenómenos de *aggiornamento* que se abrem a caudais de influência estética, a forte presença da diáspora cripto-judaica, as relações na esfera eclesiástica, os modelos e confrontos entre elites luso-italianas, o papel dos tradutores e editores, a influência de livros, estampas e modelos, as diferentes sensibilidades culturais e religiosas que se perfilam antes e depois do Concílio de Trento, as práticas de sociabilidade e de quotidianidade das colónias estabelecidas e, ainda, o papel vigilante da Inquisição portuguesa face à presença italiana em Lisboa.

Todos estes tópicos têm desenvolvimentos nos estudos reunidos e enriquecem-se por causa de uma visão de conjunto sobre este vínculo relacional ítalo-português que, *con gran mare e fortuna*, gerou pólos comerciais, diplomáti-

cos, políticos, culturais e também de afecto, expressos na vinda de mercadores, de humanistas ou de artistas florentinos, venezianos ou genoveses, recenseados já desde o século XV nas fontes arquivísticas, e na forma como esses testemunhos de circulação se tornam crescentes, estruturados e, de certa maneira, globalizados.

A base metodológica buscou, na organização pluridisciplinar dos estudos aqui reunidos (e que são necessariamente muito diversos nas suas temáticas), desenvolver as análises comparativas conjuntas e perceber os meandros envolvidos, superando as teias de visões estritamente nacionais, balizadas por fronteiras rígidas e incapazes de abarcar os fenómenos relacionais mais amplos. Essa dificuldade de base foi de certa maneira superada, mostrando que a tradição de estudos luso-italianos aberta, entre outros, por Federigo Melis, Virginia Rau e José Vitorino de Pina Martins, nos anos sessenta do século passado, tem vindo a frutificar na agenda de trabalho de novas gerações de historiadores, sendo bom exemplo desse redimensionamento de interesses o trabalho desenvolvido por Nunziatella Alessandrini (CHAM-FCSH), Susana Bastos Mateus (CIDEHUS-UE), Mariagrazia Russo (Università della Tuscia, Viterbo) e Gaetano Saba-

tini (Università degli Studi, Roma Tre), que organizam este volume, bem como dos treze autores que se reuniram nas colaborações para enriquecer a presente publicação. O livro organiza-se em três secções ou grupos de artigos, que correspondem aos grandes temas expressos no título. Numa primeira secção de estudos sobre a circulação de mercadorias, os artigos de Joana Sequeira, Pedro Flor, Ana Isabel Buescu, Teresa Leonor Vale e Mário Henriques Cabeças estudam assuntos como a presença de mercadores italianos, a importação de obras de arte, os dotes e sinais de opulência das elites envolvidas e, até, questões relacionadas com embalagem e acondicionamento de produtos transaccionados. Numa segunda secção, dedicada à mobilidade de agentes, escrevem Susana Bastos Mateus, Nunziatella Alessandrini, Francisco Zamora Rodríguez e Marcella Aglietti e surgem pessoas concretas, desde a família cristã-nova Ximenes de Aragão, ao diplomata seiscentista genovês Carlo Antonio Paggi, à comunidade de florentinos com influência nos cargos eclesiásticos portugueses, ao peso da irmandade da colónia italiana instalada em Lisboa e às relações, modelos e confrontos entre as elites lusitanas e florentinas no século XVIII. Numa terceira secção, dedica-

da à circulação de ideias, o livro transporta-nos, através da escrita de Mariagrazia Russo, Isabel Drummond Braga, Giuseppina Raggi e Gaetano Sabatini, aos projectos de reforma económica operados entre Nápoles e Lisboa do século XVII, ao labor dos tradutores e das suas oficinas entre Roma e Lisboa, às influências mais específicas do tratado do Padre Andrea Pozzo na prática da pintura de perspectiva no tempo de D. João V e ao peso do Santo Ofício na vigilância e repressão dos italianos das minorias recalcitrantes, entre outros assuntos.

O resultado só podia ser, como se adivinha, interessantíssimo. O facto de, a partir da segunda metade do século XVI, Lisboa, Roma, Florença, Nápoles e outras cidades fixadas ao longo da costa atlântica e mediterrânica se tornarem pólos de atracção para actividades de operadores de comércio, e também para “oficiais mecânicos” de diversíssimas modalidades oriundos de tantas partes da Europa, obriga a historiografia a reabrir necessariamente ‘dossiês’ monográficos e a analisar com maior critério uma miríade de contributos documentais díspares à luz de um processo globalizante que possa conduzir ao esclarecimento dos comportamentos sociais e a um necessário esforço de síntese. Os estudos reu-

nidos neste livro caminham nesse sentido.

Esta nova historiografia virada para os estudos luso-italianos, de que *Con gran mare e fortuna* é um bom testemunho, analisa melhor, assim, as transacções comerciais, a circulação de mercadorias entre os dois espaços, a vinda de obras de arte, de livros e de correntes de opinião e as influências daí decorrentes, o enfoque do Humanismo cristão e das correntes neoplatónicas na produção literária e no pensamento criador, os novos focos de espiritualidade religiosa, ou os ventos da Contra-Reforma católica, resultando de toda essa pesquisa um quadro extremamente interessante sobre os mercados europeus da Idade Moderna visto na perspectiva das relações luso-italianas. Por outro lado, tem sido bem destacada a ampla circulação de indivíduos que acompanham estas movimentações, não apenas os mercadores mas também os artistas e os artesãos de ofício mais especializados, e outros grupos, como as ordens religiosas e os agentes diplomáticos. Pela correspondência, os registos diariísticos, os inventários de bens, os registos orfanológicos e outro lastro documental existente, ficamos a saber que mercadorias traziam e levavam estas pessoas, quais as novidades trazidas através de livros ou estampas, quais as

linhas de permutação e intercâmbio que se geravam no terreno do convívio e dos afectos. A circulação de diferentes gostos (que conduz a que a nossa arquitectura se adequa a um gosto *all'antico* de sentido clássico, por exemplo), o surgimento de diferentes sensibilidades religiosas e culturais (que se expressam em correntes como o neoplatonismo e na busca de uma renovação espiritual possível), o conhecimento do mundo que se aperta com as notícias e as descobertas que se difundem, as teorias políticas e económicas que se desenhavam e confrontam no campo do poder instituído, tudo isto, como afirma Spallanzani no seu prefácio, concorre para a criação de um universo intelectual mais complexo e polissémico que destaca a grande importância das relações ítalo-portuguesas na Idade Moderna.

No conjunto de estudos, é de certa maneira destacada, com quatro artigos, a influência da arte italiana na portuguesa, tanto através de peças de esculturas, têxteis e pinturas que chegam ao mercado nacional, adquiridas por mecenas e colecionadores que se deixam seduzir pela novidade do Renascimento italiano (e, a breve trecho, pelo Maneirismo e, logo de seguida, pelo Barroco transalpinos), ou por exemplares de livros da tratadística italiana sobre arquitectura e pers-

pectiva, ou ainda sobre os generalizados temas das *antigualhas* e das *rovine* clássicas, que chegam às bibliotecas humanísticas de Lisboa, Coimbra e Évora, sem esquecer o intercâmbio artístico que, desde a época de D. João III, se processa nos dois sentidos (bastando lembrar-se o estágio romano de Francisco de Holanda ou do pintor Campelo, entre tantos outros). É interessante observar que, numa obra que agrupa, além do prefácio de Marco Spallanzani e da apresentação crítica da responsabilidade dos quatro organizadores, treze estudos com abordagens específicas sobre temas ligados a temas tão diversificados no campo da circulação de bens, pessoas e ideias, coabitem tanto os esforços de síntese como as visões micro-históricas e as revelações de situações factuais precisas. O que resulta desta diversidade de contributos é assaz enriquecedor, na medida em que reforça a abrangência pluridisciplinar pretendida e aprofunda o conhecimento das relações luso-italianas dos séculos XV a XVIII nas suas vertentes históricas mais abrangentes. Nesse sentido também, esta publicação serve de modelo de referência para ulteriores trabalhos sobre o tema. Duas palavras — Mar e Fortuna —, com as suas plurais e ambíguas acepções (força, fragilidade, fraqueza, limitação), ajudam a situar

todas as análises no quadro de uma geografia humana que tende a globalizar-se e da extensão oceânica que, desde final do século XV, ampliou o espaço de intervenção das duas monarquias ibéricas (não só a portuguesa) a novos continentes, marcando decisivamente o avanço da economia europeia e determinou, em concomitância, o peso estratégico de cidades portuárias como Lisboa, Génova ou os portos da Toscana, por exemplo.

Trata-se, em suma, de um trabalho valioso, que honra os organizadores e de que se espera frutuosa sequência. VÍTOR SERRÃO

**Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno. La barca dell'Inferno***, cura, coordinamento e revisione **Valeria Tocco**, introduzione, edizione e traduzione dal portoghese **B. Campenni, A. Catalano, F. Gianelli, C. Morleo, R. Martignoni**, Siena, Vittoria Iguazu Editore, 2014, 127 pp.

Cerca de sessenta anos após a publicação em Itália da tradução de *Auto da Barca do Inferno* por Giuseppe Carlo Rossi, surgiu no mercado editorial italiano, em 2014, uma nova versão do texto de Vicente em edição bilingue coordenada por Valeria Tocco, professora universitária em Pisa e investigado-